

# ARMANDA

ATÉ 3 DE DEZEMBRO  
CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA  
Largo do Chiado, Lisboa  
De 2<sup>a</sup>—6<sup>a</sup>, das 12h—20h

# DUARTE

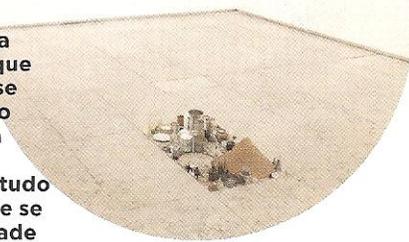
T— Francisco Vaz Fernandes

O trabalho de ARMANDA DUARTE desenvolve-se a partir de enunciados mais ou menos evidentes dentro dos títulos que as obras vão tomando. Por exemplo, *Sopro Livre* é constituída por 24 esferas de vidro que formam uma coluna vertical de 48 centímetros de altura, precisamente o desnível entre esta primeira sala onde está exposta e a segunda. Também a obra seguinte, *Ângulo de Repouso*, em ângulo inclinado, representa 31 metros cúbicos de areia correspondentes à totalidade do volume das duas salas anteriores medidas à altura de 48 centímetros. Os enunciados são, então, pontos de partida que estabelecem uma ordem de processos e de lógicas que nos remetem para objectivos minimalistas que poderíamos encontrar nos procedimentos de CARL ANDRÉ ou DONALD JUDD. Contudo, estes aspectos mais objectivos servem de alguma forma para conter um trânsito de emoções de ordem subjectiva que percorre transversalmente toda a obra da artista. Ao contrário dos dois artistas americanos (que pensam a obra como um fim em si) as obras de ARMANDA DUARTE seguem um ciclo que as relaciona com obras passadas e futuras, assim como ao momento e ao local. Elas estabelecem-se numa relação com o espaço, desvendando uma rede de vivências que fazem com que a obra vá, em certos momentos, seguindo o seu curso independente da autora. Grande parte das obras são dadas

o solo da sala servem como unidades-medida. No caderno *Desenho Intermédio*, constrói um inventário exaustivo das espessuras e dos perímetros dos objectos dispostos na laje para desenvolver um desenho realizado na parede. Esta obra é, até, mais ilustrativa da função objectiva do enunciado e dos contornos de deriva que pode tomar a sua interpretação.

e finitude —como acontecia com os minimalistas, sua referência imediata— ela desvanece-se nesse trânsito e tende a desmaterializar-se porque procura alcançar uma infinitude. É uma obra que nunca pode ser avaliada pelo conjunto de objectos em si mas pelas relações que estabelece com o mundo à volta.

O trabalho da ARMANDA DUARTE está sempre em ressonância com o mundo à volta. Cada gesto e cada material enche-se de significados, ganhando um lugar e uma lógica que se precipitam numa cadeia de enunciados que tecem uma malha. Nesse sentido, nada no mundo de ARMANDA encontra rupturas mas, sempre, pontos de ligação. Por tudo isso, a sua obra antes de se estabelecer como unidade



*SOPRO LIVRE*, 2010. 24 esferas de vidro.

como iniciadas mas, depois, entregues a outros intérpretes, estabelecendo todo um ambiente de deriva e de descontrolo contrário às especificidades objectivas do enunciado. Por exemplo, em *Uma Laje*, todos os objectos circulares contidos numa das pedras de mármore que cobrem

*ÂNGULO DE REPOUSO*, 2010. 31 m<sup>3</sup> de areia.



*UMA LAJE*, 2010. Vários objectos circulares.